



O ASSASSINIO DE VIVALDI.

VANNINA D'ORNANO (*).

I

QUASI ao findar d'uma tarde de Novembro, lóbrega, fria, e tempestuosa, retumbavam fortíssimas rajadas de vento pelas sinuosidades da praia, o mar furioso quebrava-se nos rochedos com prolongados e atoadores bramidos, e a espuma das aguas salpicava a varanda, onde havia muito tempo que Vanni-

(*) O original do presente romance é composição de Felice Romani, genovez, hoje um dos celebres poetas lyricos da Italia, auctor dos libretti das tão applaudidas operas, *Norma*, *il Pirata*, *la Straniera*, *Beatrice Tenda*, *la Sonnambula*. Mas nem só á musica de Bellini dedicou Felice Romani a sua harmoniosa poesia; tambem tem escripto operas, igualmente estimadas, para Mercadante, Donizetti, e Ricci, apesar de que se mostra muito escaço de semelhantes favores. Ainda não ha muito que era o principal redactor da *Gazetta piemonteza*, e neste jornal de Turim vem insertos alguns romances e artigos de critica, mui dignos d'attenção, assignados com o seu nome. — Não só nas operas de Felice Romani ha idéas verdadeiramente dramaticas, mas até nos versos nota-se uma certa poesia, calor e elegancia que muito as distingue das outras composições modernas do mesmo genero.

TOM. IV. ABRIL 25 — 1840.

na d'Ornano e suas criadas contemplavam attentamente o pôr do sol, que melancolico e baço hia desaparecendo do horisonte carregado, onde não alvejava uma só vela d'embarcação.

— Não é ainda esta tarde! — Exclamou Vannina suspirando.

— Não é ainda esta tarde! — Repetiram as famulas com tom entre impaciente e magoado. A tão breves palavras succedeu dilatado silencio. Vannina ergueu-se, e passeou acceleradamente por todo o mirante, levantando de quando em quando para o ceu os olhos tintos da côr da tristeza. D'ahi a pouco começaram as trevas a desenrolar o lugubre manto pela superficie das aguas.

— Recolhamo-nos, disse a senhora; ámanhã seremos mais afortunadas. —

— Ámanhã! Ámanhã! — Murmuraram umas para as outras as criadas ao cerrar os ferrolhos da porta do eirado, e no entanto Vannina, pallida e taciturna, e como quem soffre grande angustia n'alma, se deixou cabir sobre uma cadeira.

— Ha quinze dias, senhora [disse Maria, attendendo em sua ama, de quem era a mais antiga e mais valida servidôra], ha quinze dias que em to-

dos elles pomos confiança no dia de ámanhã, e este tem vindo sempre o mesmo que hoje, enganador das nossas esperanças. Que precisão temos de nos hir pôr á mercê do mar? Não é tão longo, nem tão perigoso o caminho de Marselha a Genova que metta esse medo que vos preoccupa. —

Vannina suspirou e não respondeu; porque nem era esse o susto, nem essa a causa que a demorava.

— Perdoai-me [continuou a criada] se me atrevo a dar conselho em materia tão importante: mas, quanto mais nos dilatarmos, com tanto maiores dificuldades lutareis; aproveitar-se-hão os inimigos de vosso marido para lhe armar novas ciladas, e enfraquecerão as favoraveis disposições que o senado já vos manifesta. Não tem mandado dizer tantas vezes isto mesmo o Ill.^{mo} Sr. Vivaldi? — Com este nome sobresaltou-se Vannina, tingiu-lhe a pallidez do rosto magestoso uma leve côr d'escarlata, e logo, fitando os olhos n'um monte de papeis sobre uma meza, deu mostras de procurar as cartas que Maria indicára.

— Pelo que toca a certas considerações, proseguiu Maria cobrando mais resolução á vista do silencio de sua ama, . . . a certas rasões politicas, . . . que não é da minha competencia o indaga-las. . . . ganhastes medo áquelle *arrotta-sentenças*, áquelle pedante Napone di Bastelica, primo do senhor Sampietro, e o encarregastes de ir sollicitar o favor do serenissimo doge, como se desconfiasseis das promessas do Sr. Vivaldi ou de sua influencia na republica. E que temos visto? . . . Ha mais de tres mezes que penâmos nesta terra da França, que nos concede esteril hospitalidade, um refugio, para assim dizermos, meramente por compaixão, e mais vergonhoso que em outra parte, por isso que nos é outorgado por uma potencia amiga. Ha quinze dias que esperâmos pelo regresso de Napone, incertas como nunca a respeito do nosso destino. Depois que aquelle casmurro partiu, que carta tendes recebido delle? . . . Nem mostras de que está vivo tem dado! . . . E podereis gabar-vos de que se interessará por vós calorosamente quem é tão frio por essencia, sempre tão enfadado, tão taciturno? Parece que o maldito traz na boca um sello que só tira para contradizer. Em verdade, senhora, que, se estivesse no vosso lugar, eu tinha já arredado de mim um homem tão perigoso. . . . —

Estas palavras abalaram Vannina quasi como uma convulsão: apertou a cabeça com as mãos, e depois d'alguns momentos de reflexão perguntou com voz tremula: — Perigoso, disseste? É perigoso porque, ó Maria? . . . — Não sci, respondeu a criada hesitando. . . . Por mais tratos que dê ao juizo, não posso persuadir-me que esse homem viesse aqui ter comnosco sem alguma intenção sinistra. E diga-me, não fugiu elle da Corsega com o marido da senhora? É não era do seu dever ficar a fazer-lhe companhia, tanto porque o vosso marido era seu capitão, como por serem parentes proximos? Demais a mais quando um fiel confidente seria tão necessario ao illustre proscripto nestes tempos desgraçados; porque os seus partidistas podem talvez ser seduzidos pelos genovezes, que promettem a quem lh'o entregar grande premio. E aonde deixou elle Sampietro? . . . Disse-nos que em Paris, e vossos irmãos escreveram que não apparecêra lá: disse depois que em Constantinopola, e o embaixador de sua magestade christianissima respondeu-nos que naquella côrte não houvera novas de tal homem. —

— E o que queres tu concluir de tudo isso?, perguntou, com voz ainda mais tremula, Vannina, . . . que elle atraioaria meu marido? —

— Deus me livre de tal pensar, senhora! São muito unidos por interesse e paixões, e por igual caracter, fero e inflexivel. Mas receio que elle vos atraioasse, porque sois demasiado sincera e generosa. Que espirito maligno. . . visto que nenhuma de nós proferiria uma só palavra sobre o que vós diz respeito ainda que nos ameaçassem com a morte. . . que espirito maligno lhe diria ao ouvido que o illustre Vivaldi vos aconselhára o recorrer á serenissima republica para que annullasse a sentença de confiscação dos immensos bens que possuis na Corsega? . . . Esses bens são vossos, como descendente da real casa d'Ornano, e não d'um obscuro montanhez de Bastelica, soldado aventureiro, afortunado só depois que vossos irmãos lhe obtiveram a protecção da França, e vos obrigaram a dar-lhe a mão! . . . E não o tendes ouvido, como ave de ruim agouro, dissuadir-vos da intentada viagem a Genova; e todavia essa viagem convenceria o senado da vossa lealdade e direitos, e o persuadiria a não despojar do patrimonio, por causa do pai, os vossos innocentes filhos? . . . Não o tendes ouvido praguejar a perfidia de Vivaldi e do senado, e desapprovar o vosso projecto, como uma infamia para a familia d'Ornano, um opprobrio para a de Sampietro e uma traição feita á Corsega? E apesar de tudo isto, que cegueira foi a vossa que chegastes a consentir que esse mesmo homem fosse em vosso logar tratar de interesses tão sagrados com o proprio Vivaldi? Como tivestes o descuido de confiar o destino, vosso e de vossos filhos, a um tal malvado? —

Vannina calava-se; mas quem a observasse bem, notaria o como tinha os olhos espantados, e o augmento da pallidez habitual que lhe desbotava o rosto. Maria, cobrando animo cada vez mais com o silencio de Vannina e com a approvação que lia nos olhos de suas companheiras, dispunha-se a continuar o seu porfioso discurso. Mas então a chuva cahia em torrentes, e impellida pelas refregas do vento agou-tava com violencia as vidraças das janellas. Eis que um subitaneo e vivo relampago allumiou todo o aposento, realçando-se sobre o clarão das luzes das bogias e candieiros, e o estrondo do corisco repercutiu-se com rouco fragor pela praia, e sumiu-se na vastidão do mar.

Ergue-se Vannina atemorizada e parece que escuta os echos da tempestade, como se pudesse interrogá-los e comprehende-los. — Horrivel noite! — diz aterrada por uma especie de fatal presentimento: e as mulheres que alli estavam benzeram-se e murmuraram em voz baixa: — Deus nos livre de todo o mal! —

II

— Retirai-vos, filhas, aos vossos quartos: [disse Vannina para as criadas]: — não está a noite para longa vigilia. — E estendeu-lhes a mão que todas beijaram respeitosaente. Maria fôra a primeira a sahir; mas parára na porta. — Ó Maria! — proferiu de mansinho Vannina, e abriu-lhe os braços, como tendo susto de ficar só. A fiel Maria acudiu prompta ao signal com uma sollicitude e amor d'irmã.

— Maria! — proseguiu Vannina soluçando — as tuas palavras me pozeram espanto, e eu não posso esconder-te o meu terror. . . . tua mãe foi minha ama, e tu minha collaga; e ainda adolescente me dedicaste a tua mocidade e até o teu amor. . . Não me esquece o teu sacrificio, Maria. . . bem me lembro do pobre Guasco, a quem recusaste a mão quando eu me vi constringida a acceitar a mão de seu amo. Para seguireis a minha sorte renunciaste as tuas esperanças, a tua affeição, o teu futuro. —

Maria chorava; e reclinava a cabeça nas mãos de Vannina sem mais algum movimento: o nome de Guasco rasgára a antiga ferida que nem a fortuna nem o tempo conseguiram sarar.

— Ah, não me falleis de sacrificios! . . . — exclamou vivamente a criada quando conheceu a commoção extrema que agitava a alma de Vannina — vós talvez fostes . . . certamente tendes sido mais desditosa do que eu! Perdieis Vivaldi e ereis obrigada a tomar outro esposo; eu ao menos ficava livre e senhora de minhas magoas, de meus suspiros; eu ao menos não tinha a quem dar satisfação de mim! O aspecto da vossa dor suffocada e da vossa resignação me fem servido de consolação e de exemplo. . . . E ambas vimos sem chorar partirem de Bastia as galés genovezas que levavam todos os jubilos da nossa vida . . . sem chorar ambas alongámos a vista pelo immenso horisonte. Oh, que tão triste dia foi esse, o dia da eterna despedida, minha cara senhora! E nunca, nem vós nem eu, o deplorámos, salvo nesta noite fatal, noite d'angustias, em que eu tomo parte nos vossos sustos, e em todos os presentimentos que vos infundem no coração os echos da tempestade e os estampidos dos raios. —

— Oxalá que seja esta a ultima em que o deploramos, minha fiel Maria . . . pelo menos eu, só eu . . . porque as tuas lagrimas não procedem d'um erro. Deus me levará em conta o pranto que abafei no coração, e me perdoará a imprudencia de hir pedir, passados dez annos, auxilio e protecção em meus desgostos a Vivaldi. . . . Mas tu bem conheces a santidade das minhas intenções e a pureza das suas; eu dei esse passo a favor de meus filhos, condemnados talvez, pelas culpas de seu pai, a morrerem vagabundos e indigentes; e se aquelle me offereceu o seu auxilio nenhum impulso o moveu senão a lembrança das obrigações que devêra a meu pai, e a compaixão que lhe inspiraram a minha desgraçada vida e o desamparo da minha casa. —

— Deus é justo, senhora, e não lhe são occultos os vossos soffrimentos. Elle sabe de que artificios e terrores os vossos irmãos se serviram para vos levarem violentada ao altar, como uma victima, e vos entregarem a Sampietro, homem feroz, vingativo e orgulhoso, que se apossou da preza inerme como o falcão das serranias empolga a timida pomba. Ó meu Deus! que matrimonio! —

Estremeceu com taes frases a misera Vannina, como se visse alli presente Sampietro, como se estivesse junto delle defronte das aras, como se a conduzissem á casa, depositaria de tantos suspiros e testemunha de noites tão afflictivas. Todavia conseguiu domar este movimento d'horror, e disse com voz suave e resignada: — É meu marido, Maria . . . é o pai de meus filhos — e apontava com a mão para o fim do aposento, onde era a alcova em que seus queridos filhos descansavam.

— Se amais vossos filhos, replicou inquieta e apressada Maria, porque tendes perdido tanto tempo aqui a esperar? Porque vos deixareis cahir nas ciladas daquelle Judas Napone, que está de posse dos vossos segredos não sei como, sem que vos revele um só dos seus? Porque nos demorámos ainda nesta solitaria praia de Marselha? Porque estão os vossos filhos ainda privados dos protectores que em Genova lhes prometteu o generoso Vivaldi? Ó minha senhora, minha amiga, minha irmã! pois que a mesma mão nos embalou e o mesmo leite sugámos: ponde termo a tantas hesitações, e tomai uma resolução digna da vossa pessoa; não vos ache aqui o dia d'amanha. . . . A sorte está deitada! . . . seja-nos ou não concedido o refugio proposto pela repu-

blica, vós o acceitastes ou para melhor dizer pedistes. A França já vos não é conveniente nem aos vossos filhos. Tende compaixão dos pobres innocentes! — E na vehemencia do seu discurso corria as cortinas da alcova e mostrava a Vannina o leitosinho onde dormiam duas creanças, ignaras das allicções que motivavam a sua mãe.

A luz das velas mal chegava ao fim da alcova; mas a penetrante vista da mãe alcançou mais que a tenue claridade, e viu sobre os alvos travesseiros os louros cabellos dos filhos, e logo ouviu a branda respiração que exhalavam pelos tenros labios. Vannina levantou-se como impellida por uma força suprema; corou-lhe as faces pallidas um rubor transitorio, semelhante ao relampago que doura n'um instante as nuvens nocturnas e prompto desaparece; guiou os passos para a alcova e exclamou com tom de voz impossivel d'imitar ou d'exprimir: — Partâmos, filhos meus. . . . e succeda a vossa mãe o que aprouver ao ceu. —

Neste momento, nas portas exteriores da pousada retiniram as pancadas dos pesados aldravões, que resoaram pelos corredores internos até ao aposento de Vannina. Esta suspendeu tremula os passos á entrada do quarto dos filhos, e, apertando contra o peito Maria tambem assustada, ambas applicaram o ouvido ao motim que que lá fóra continuava.

— Quem será que a taes horas bate? — perguntaram tambem ambas a um tempo: e logo escutaram o estrondo dos ferrolhos e das grades de ferro que se abriam: o guarda-portão tinha admittido alguém. . . em breve na escada sentiu-se o rumor de passos.

— Não póde ser senão Napone! — gritou Vannina possuida d'uma subita esperança, e correu para a porta do aposento. Napone se lhe apresentou como um phantasma, embuçado n'um amplo capote e todo alagado da chuva.

— Elle ahi vem atraz de mim. . . . — disse com voz rouca para Vannina que lhe sahia pressurosa ao encontro.

— Quem! elle! . . . bradou Vannina com jubilo. . . elle em pessoa! Vivaldi. . . . —

— Vosso marido — respondeu socegradamente Napone.

E Sampietro appareceu á porta do quarto com toda a ostentação da sua corpulencia e coberto com a terrivel armadura de guerreiro.

III

Com a inesperada apparição de Sampietro, Maria deu um grito agudo e chegou-se mais para sua ama, como se quizesse preservá-la de perigo imminente. Vannina ficára immovel e parada defronte delle. . . . não lhe foi ao encontro, como se estivera pregada no chão. Descorada como nunca e semelhante a um espectro, dirieis que o susto causára nella o mesmo effeito que a fabula conta do horrendo aspecto de Medusa. Sampietro entrou pausadamente na casa: deitou para toda a parte um olhar feroz, como o leão que revista a sua caverna: fez depois signal a Maria que se ausentasse e a Napone que a seguisse. E não se ouviu outro som mais que um gemido suffocado da criada, e o ranger da porta que se fechou promptamente. Vannina, a quem Maria já não podia amparar, deixou-se cahir sobre uma cadeira e tremeu d'horror ao ver-se com Sampietro a sós.

Passados alguns instantes de silencio e de pavor o guerreiro chegou-se com frieza a Vannina, e disse-lhe: — Muito vos perturbou, senhora, a minha vinda! . . . bem vejo que não era esperada. . . . nem de-

sejada. A fama que toma gosto em apregoar os meus infortunios e revezes, talvez vos representasse impossível o meu regresso, e do mesmo vos capacitariam os genovezes. Deixai-vos desse erro! Sampietro chega inopinadamente, transportado nas azas da tempestade. —

Apenas proferira estas palavras largou o manto que o cubria, e ficou em trajos militares, de pistolas no cinto, e com a mão direita descangando no punhal: deu mais um passo para Vannina, e proseguiu com voz altiva: — Nem todos os genovezes, nem todas as tempestades, nem as furias do mar puderam por um só instante suspender Sampietro! Todos os corações dos verdadeiros corsos pressentiram já a minha vinda; d'uma a outra extremidade da ilha, por montes e valles a trombeta de Bastelica entoou o hymno do resgate e da vingança... só o coração de Vannina d'Ornano duvidou da felicidade de Sampietro e da Corsega, porque o coração de Vannina d'Ornano é genovez. — A estas palavras Vannina surgiu da attitude humilde que até alli mantivera, e teve animo de fitar os olhos no rosto de seu marido, e de lhe dizer com grave melancholia:

— O coração de Vannina d'Ornano nunca foi justamente apreciado pelo de Sampietro de Bastelica, gemeu silencioso perante a guerra desastrosa que ha muitos annos reina na sua infeliz patria, e se algum voto tem manifestado é o de ver findas essas discordias sanguinolentas, e restabelecida a paz entre duas nações tão estreitamente unidas por communs interesses e vinculos de familias: e contudo, quando as espadas reluziram nas pelejas, o amor da patria nem emmudeceu nem entibiou no seu coração... Quanto ao amor a seu marido, sacrificou-lhe os bens, os thesouros que possuia... —

— E depois se arrependeu; — clamou violenta e ironicamente Sampietro: — arrependeu-se depois a generosa, e quiz recobra-los! Humilhou-se cobardeamente ante os inimigos de Sampietro a pedir-lhe os bens, como se quizesse separar o seu destino do destino de seu marido, hir ostentar fausto nos logares donde elle fôra proscripto, e regozijar-se nas salas do castello salpicadas com sangue e onde ainda pelos tectos retumbam os gemidos de seus moribundos servos, golpeados pelo ferro d'assassinos. —

Então Vannina ergueu-se com impeto e soberania, apontou para a alcova em que seus filhos dormiam, e respondeu animosamente:

— A mãe teve para com seus filhos a compaixão que o pai lhe negara; só por amor delles a atterram a indigencia e desamparo em que o pai a deixou... —

— Perversa! e fallas de teus filhos quando os des-honraste e a seu pai! Os filhos de Sampietro reduzidos a viverem das esmolas dos genovezes! condemnados a receberem o pão daquelles que pozeram em leilão a minha cabeça! guardados como refens por essa altiva republica, e educados no ocio voluptuoso desses aristocratas, no desprezo das virtudes varonis da Corsega e talvez no odio contra seu progenitor! O mulher, ao mostrares teus filhos, revelaste-me toda a torpeza da tua alma! —

— Sampietro de Bastelica, [bradou com generoso resentimento Vannina] esqueces-te que estás perante uma descendente dos Ornanos, uma mulher de elevada jerarchia, em cuja presença se prostraram os mais nobres capitães da Corsega, e que tu mais do que ninguem devia respeitar e honrar, não como a tua mulher, mas como um vassallo ao senhor? —

— Ha muito tempo, replicou Sampietro, ha muito tempo que não conheço fidalguia na Corsega. A

minha nobreza está escripta em caracteres indeleveis com o meu sangue, e o meu poder firmado com a minha espada. A tua nobreza apagou-se com a infamia de tuas acções, e o teu poder feneceu com a tua virtude. —

Ao dizer isto, Sampietro cahira gradualmente n'um furor sem limites; scintillavam-lhe os olhos sob as negras sobrancelhas como dois carvões ardentes excitados por um continno sópro, enrugava-se-lhe a fronte e contrabiam-se-lhe os musculos convulsivamente; firmava a mão sobre o cabo do punhal, apertando-o com violencia, como o naufrago que visinho á morte se agarra ao madeiro de que espera salvação. Vannina comprehendeu logo o absoluto horror da sua situação, e atirando-se novamente á cadeira de braços, rompeu em soluços e desatou n'um diluvio de lagrimas.

— E esperavas, tornou Sampietro com voz que a raiva suffocava, que de boamente consentisse no opprobrio que sobre mim lançavas? Não sabes que a honra da casa de Bastelica não póde quebrar-se em tuas mãos como o fragil brinco nas d'uma creança? Não pensaste que os filhos de Sampietro não nasceram para servirem de degraus aos oppressores da sua patria e para serem escravos d'um Vivaldi? —

E arremeçou para o regaço de Vannina um maço de cartas, e continuou ainda mais desesperado:

— Nessas cartas por tua mão escriptas, e dirigidas ao teu Vivaldi, assignaste a tua ultima sentença. Reconheces essas cartas? Recordas-te das expressões deshonorosas que comprehendem?

— As expressões dessas cartas, respondeu Vannina, são as que uma mulher leal poderia dirigir ao mais leal cavalleiro; são o testemunho de gratidão pelos offerecimentos que se me fizeram a favor de meus filhos; são a prova do amor maternal que attende com zelo efficaz ao bem da prole... Ah! Sampietro, não calumnies as minhas intenções; e respeitai-as por honra de vossa mulher. —

Sampietro sorriu-se amargamente, e puchando por outra carta, abriu-a com todo o vagar diante de Vannina, e depois, dirigindo-se a esta, com voz forte disse: — Ouve o como Vivaldi respeitava a honra da mulher de Sampietro. — E assentando-se diante e junto della, com a carta aberta na mão, preparou-se para ler: então Vannina se persuadiu que a sua correspondencia fôra interceptada por Napoleone, e que os seus presentimentos e os de Maria fatalmente se cumpriam: nenhuma lingua humana poderia exprimir as angustias do seu coração.

Sampietro lendo fazia pausa a cada phrase que admittia sentido ambiguo, e fitava os olhos na infeliz para espreitar que impressões gradualmente lhe faria tão triste leitura.

— “A vossa carta, Vannina, me encheu de satisfação, porque incluia o vosso consentimento ás minhas propostas, e aos designios do illustre senado... completo perdão se vos concede e aos vossos filhos, e todos os bens da casa d'Ornano, devolutos á republica pela rebellião de Bastelica, vos serão restituídos em virtude de acto solemne, uma vez que presteis juramento á republica, e consintais que vossos filhos sejam declarados pupillos de *San-Giorgio*, educados com a prole dos nossos senadores em o nobre collegio de Doria, e que adoptem o appellido dos Ornanos, para que o de Bastelica se não perpetue nem lhes seja dado pelo proscripto Sampietro... Acabai portanto com tudo o que poder retardar a vossa partida, e vinde logo que tendes recebido a presente. Sahirei a esparar-vos nas fronteiras da republica n'uma quinta pouco distante de Ventimiglia. Aconselho-vos a

“jornada por terra, como mais segura, attendendo á estação em que estamos. Apenas chegardes a Genova vos conduzirei a Voltri, a um retiro aprazível como desejaes, longe do tumulto do mundo, e tão sómente habitado pela tranquillidade e a paz. . . .”

“Ahi, Vannina, me será concedido ver-vos algumas vezes, gozar da ineffável dita de vos contemplar e de ouvir o som das vossas palavras, depois de tantos annos de cruel separação: ahi enxugarei as vossas lagrimas, e cerrarei as feridas do vosso coração com o balsamo da amizade e da consolação; ahi talvez que a feliz sorte possa fazer com que algumas flores brotem na espinhosa carreira da vossa vida.” —

Vannina insensivelmente interrompeu a leitura com uma exclamação. — Ai de mim! que as esperanças da minha mocidade todas decahiram! —

— E as esperanças da idade madura [bradou Sampietro] decahiram tambem como as da mocidade. . . . Eu, eu proprio as decepei. . . .

— Vós! clamou Vannina balbuciante. . . . Como? . . . explicai-vos. . . . —

— Sim eu, respondeu pausadamente Sampietro, . . . eu, que chego da quinta de Ventimiglia. . . . — E tirando logo o punhal, o mostrou aos olhos de Vannina, cuberto de sangue até o punho.

— Eis-aqui, proseguiu, eis-aqui o que te trago de Vivaldi. — Vannina estremeceu horrorizada; os lindos cabellos pretos se lhe eriçaram na cabeça, e a pallidez da morte se lhe espraçou pelo rosto inteiramente desfigurado. Por involuntario impulso de pavor, tentou erguer-se do assento em que estava; mas o feroz marido a susteve com braço ferrenho, e mantendo-a segura lhe disse com voz baixa, e lugubre como o bramido da fera preza no laço do caçador.

— Junte-se o teu sangue ao sangue de Vivaldi: — e alçava já o braço para a ferir, quando uma reflexão prompta o suspendeu. . . . — Não, o sangue d’uma fidalga da Corsega não deve confundir-se com o do patricio genovez. . . . nem ainda na morte, nem ainda por mãos d’algoz! Bastante te respeito, ó perfida, de fórma que poupe esse opprobrio á mulher que foi esposa de Sampietro. —

Embainhou o punhal e puchou d’um repellão pela pistola que lhe pendia á cinta.

Vannina, aproveitando-se do momento da hesitação, se lançára aos pés do furioso: o veu que lhe ornava a cabeça se rasgára, e os cabellos destoucados se esparziam pelo collo alabastrino; estendia os braços tremulos, como para repellir a morte que a ameaçava; mas não fallava, que o terror lhe embargára a voz. Sampietro attentou nella em tal postura, e das palpebras lhe escorregou uma lagrima.

— Oh! não implores compaixão; exclamou enternecido um pouco. . . . não me peças o perdão que não posso conceder-t’o. Jurei vingar-me, e o juramento de vingança dos corsos é inviolavel. . . . Mais facil te seria resuscitar Vivaldi do que alcançares o teu perdão neste momento terrivel: ora por tua alma, e implora-o só do ceu para o teu crime. —

Com estas ultimas palavras agitou-se a alma de Vannina, e o sentimento da innocencia a instigou a fallar.

— O céu é testemunha da pureza da minha vida e conhece a rectidão dos meus pensamentos. Assim elle te perdoe o sangue innocente que derramas, e nunca te peça contas da minha morte. Desfecha o golpe. . . .

E assim dizendo desabrochava o vestido e offerecia o peito nú a Sampietro. O cioso algoz enternecia-se, e a mão que apertava a cronha da pistola, afrouxando, esteve prestes a deixa-la cahir. Mas su-

bito deita a vista para a facha que, servindo de cinto, concertava as roupas de Vannina, e a fronte do terrivel corso se enrugava de novo, carregada e mais livida: a facha era branca e vermelha, côres detestadas, porque eram as da bandeira de Genova: lança-lhe as mãos com ferocidade e rancor inaudito. . . . pelas oppostas extremidades a toma. . . . quer fallar, mas a voz que dos beiços se lhe escoava é rouquenha e parece um rugido; os dentes rangem-lhe como tinido de ferros; contraem-se-lhe os musculos desde os pés até a cabeça, semelhando o leão que se precipita sobre a preza. . . . lança com ambas as mãos ao collo da infeliz victima o cinto de seda, apertada com vigor. . . . mas nem um ai, nem um gemido se escuta. . . . a desventurada Vannina já estava morta de magoa e de pavor! . . .



RAMO DA ARVORE DA QUINA.

A QUINAGUINA, ou por abbreviação quina, é uma arvore da America meridional, e de que ha varias especies; a sua casca, conhecida tambem pelo nome de casca peruviana, é notavelmente febrifuga; e é bem conhecida em o nosso paiz a frequente applicação que della e de seus extractos fazem os facultativos para o curativo da molestia pertinaz, que denominâmos sezões. O nosso poeta Tolentino a designou no primeiro de seus inimitaveis sonetos com este verso:

“A amarga casca da saudavel quina.”

O ramo, representado na gravura acima, pertence á especie que se julga dar a melhor casca: a arvore dizem que terá pouco mais ou menos quinze pés d'altura, e que no aspecto geral se parece com as nossas cerejeiras: acha-se abundantemente nos sitios montanhosos do districto de Quito no Perú, e os botanicos a distinguem pelo nome de *cinchona cordifolia*; propaga-se espontaneamente das proprias sementes.

Varias são as narrações da maneira por que foram descobertas as virtudes da quina. Dizem alguns que um indio do Perú, que padecia maleitas contumazes, se curára bebendo da agua de uma lagôa, onde havia muito tempo que estavam de molho arvores da quina, que nas margens cresciam e as tempestades ou a velhice tinham derribado, por fórma tal que as aguas participavam já do amargor e propriedades da casca; que este successo dera causa a observações que a pratica confirmou vantajosamente. Pelo meado do seculo 17.^o a condega de Cinchon, mulher do vice-rei hespanhol do Perú curou-se de sezões com os pós, ou infusão da quina, ministrada por indios, a qual desta circumstancia tomou o nome de *cinchona*, que os botanicos adoptaram. Os jesuitas, que então naquelles districtos regiam principalmente as missões, propagaram na Europa o uso da casca peruviana, que foi por muito tempo denominada *casca dos padres jesuitas*. Entre as varias especies de quina distinguem-se principalmente a vermelha e a amarella, cujos caracteres se encontram nas obras de Botanica e de Materia Medica. No tom. 3.^o das Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa se acham uma Memoria do Dr. Bernardino Antonio Gomes sobre o cinchonino e as Experiencias sobre a quina do Rio de Janeiro comparada com outras especies da mesma casca.

TENDENCIAS DA NATUREZA HUMANA.

A TENDENCIA da natureza humana para a vida activa é uma das principaes origens da sua força. Curar tão sómente de consumir os fructos da terra, sem tomar-mos sobre nós outros cuidados é aviltar a dignidade do nosso ser, e desconhecer os grandes fins da existencia. Acalmar as paixões, e vencer quaesquer obstaculos que possam privar-nos do descanso na vida futura, eis os pontos que reclamam a nossa maior attenção e estudo.

Seria materia de grande interesse para o philosopho o investigar a verdadeira causa dos males, com todos os seus accessorios, que se oppõem á nossa felicidade. Ver-se-hia então, para honra do genero humano, que ella é menos local do que o imaginam os moralistas fanaticos e superficiaes. Ao nosso desleixo e loucura devemos a maior parte dos trabalhos e desgostos da vida. O homem é naturalmente fragil; porem os males que o affligem não são uma consequencia immediata da sua fraqueza. Com grandissimo pesar observâmos os ardís que se empregam nas grandes cidades para perverter o espirito da mocidade inexperta.

O primeiro passo do aventureiro é crear alli certas relações que facilmente mantem, e que muito podem encaminha-lo aos seus fins. Para isso macaquêa todas as extravagancias e vicios que acha em voga, procurando conhecer quaesquer barrancos e desfiladeiros em que durante as suas excursões nocturnas possa esbarrar. A fim de obter o conhecimento destas cousas não lhe importa sacrificar a noite e o dia — o dinheiro e a saude, até que depois de haver experimentado todos os graus de dissipação

e ruina — depois de ter-se collocado na orla do abysmo, põe termo á sua obra com o estrago da saude e da fortuna. Que esta falta de prudencia nada tem de commum com a fraqueza natural do homem é uma verdade que todos os dias e a todas as horas vemos provada. Muitas pessoas que conhecemos, e outras de quem temos noticia agora, entradas no ultimo quartel da vida, occupam a sua longa e descansada velhice em recordar o quanto desfructaram o mundo, sem que nenhum dos males que encurtam a vida os perseguisse. Taes reflexões, juntas ás de que á ausencia destes males devem elles os bens intellectuaes e corporeos de que gozam, produzem necessariamente no homem as mais nobres e elevadas sensações; e não admira que o individuo que uma vez sentiu o prazer destas sensações tenha força e poder para continuar a goza-las. O homem que abandona uma vez a dissipação e os vicios raramente torna a abraça-los, ainda que a isso o concitem a saude, o vigor, a idade, a volubilidade de espirito, e todas as paixões que constituíam os seus antigos prazeres. Muito desejamos, para bem e honra da sociedade e do genero humano, que estes principios fossem reconhecidos por todos como bases da verdadeira felicidade — como o *summum bonum* do progresso intellectual.

É verdade que no tracto social se nos apresenta o mal com as feições do bem, zombando frequentemente dos esforços que fazemos para conservarmos a pureza; mas estas tentativas serão baldadas, e nada poderão contra a virtude, se dellas nos defendermos com prudencia e valor. Quando a tentação lança por terra qualquer pedaço do edificio moral, o resto ameaça desde logo imminente ruina. O vicio está sempre em acção, e tem geralmente um movimento progressivo: — comtudo não é invencivel. Quanto mais lhe resistimos tanto mais o enfraquecemos, até que alfim cansado de brigar infructuosamente abandona o campo ao glorioso triumpho da innocencia e virtude.

Um moderno philosopho tratou de investigar se as lides e trabalhos da vida teem, ou não, sido prejudiciaes ao christianismo. — A affirmativa nesta questão facilmente se confutaria, visto faltar-lhe base sobre que sustentar-se. Em qualquer cargo que occupemos na sociedade, nunca o seu desempenho consome tanto tempo que nos não deixe no fim do dia um momento para reflectir nos actos que nelle praticâmos. Se alguma semente de corrupção se nos introduz para fazer-nos esquecer dos affectos e obrigações que devemos á Providencia, esse mal desaparecerá sem custo uma vez que lhe não deixemos crear profundas raizes. Ha quem julgue que o trato mercantil ainda é mais damnoso á religião; — isto é falso. Se no mundo houvesse emprego que não deixasse ao homem um instante de meditação, tambem as suas forças o não poderiam supportar. A nossa machina é tão ligeira e delicadamente construida que sem distrações regulares corre risco de destruir-se. O trabalho e o descanso — a dor e o prazer — são os instrumentos que põem em acção o machinismo do nosso corpo, dando-lhe a conveniente elasticidade. Sem estes incentivos mal advogaremos a nossa causa quer seja no pulpito, quer no parlamento ou no foro.

A Providencia é pois injustamente accusada como fatora de males que só a nossa indiscrição e loucura originam. Os peccados que commetemos, e as doencas que contrahimos no verdór dos annos, são muitas vezes attribuidas, em idade mais avançada, a causas bem diversas, por isso que os prazeres da vida nos não deixam conhecer as verdadeiras. Se

quando nos affligem algumas calamidades, que imputámos a má vontade do divino ser, examinássemos pausadamente os actos da nossa mocidade, talvez nelles encontrássemos a fonte desses males, vissemos reduzidas a pó arguições tão mal infundadas, e servir de escarmento nas gerações futuras o quadro das nossas misérias presentes.

RUAS E CALÇADAS.

I

As commodidades que actualmente se encontram nas melhores cidades são tão necessarias que as devemos suppôr coevas com a fundação das grandes povoações. Comtudo se nos recordar-mos do estado dos antigos povos veremos que algumas dessas commodidades, e ás vezes as essenciaes, eram desconhecidas até nas capitaes mais opulentas.

A facilidade de locomoção é uma das primeiras conveniencias publicas, e por isso aos gregos e romanos deu tanto cuidado a construcção de boas estradas. É provavel que a verdadeira causa da attenção que este objecto lhes mereceu fosse o desejo de facilitar o transito ás suas cohortes e legiões pelas provincias que dominavam; no entanto alguns pedaços de excellentes estradas do tempo dos romanos se encontram ainda hoje na Italia, França, Hespanha, e até na Inglaterra. O que fórma, porem, verdadeiro contraste é a indifferença e desleixo com que elles tratavam das ruas, que eram, na verdade, pessimas. Devia naturalmente suppôr-se que ao poderoso governo dos cézares dessem mais cuidado as ruas, que os seus coches, até alli desconhecidos, diariamente trilhavam, do que as estradas por onde caminhavam as tropas. Acontecia porem o contrario; porque as da cidade de Roma, então a capital do mundo conhecido, apenas, em algumas partes, se achavam calçadas com pedras desiguaes: — o resto eram puos atoleiros. Horacio, que viveu no seculo mais polido, reputava um tormento o andar pelas ruas d'aquella cidade. O que admira é acharem-se as cidades mumias de Herculanium e Pompeia, até agora descubertas, soffriavelmente calçadas, e com indícios de que existiram em bom estado e limpas. — Encontrámos na historia grega descripções mui prolixas dos edificios das suas cidades; porem nada nos dizem das ruas das mesmas. Thebas é uma excepção a esta regra; e referindo Herodoto que havia pessoas encarregadas de as reparar, colligimos d'ahi que eram empedradas.

Igual desleixo, em quanto a este objecto, teremos que notar se descermos da antiguidade a tempos comparativamente mais modernos. Em Cordova foi aonde primeiro se calçaram as ruas na era de 850 por ordem do califa Abdulraman, o qual ao mesmo tempo estabeleceu a conducção d'agua ás cazas por meio de canos de chumbo: — um seculo depois se beneficiou com ambas estas commodidades a cidade de Granada. Segundo a historia de França principiou em 1181 a ser alli conhecido o systema de empedrar as ruas. Conta-se que passeando na côrte um principe de sangue real cahira do seu cavallo, e que levantando-se ao mesmo tempo um porco que jazia no charco espantára o cavallo, causando assim a morte d'aquella personagem: — que o rei prohibira então que os porcos andassem pela cidade, ao que replicaram fortemente os monges de Santo Antão, capitulando de falta de respeito para com o seu patrono o impedir que os seus porcos se cevassem aonde muito bem quizessem, uma vez que levassem campainha ao pescoço. Depois desta contestação julgou o governo

que semelhantes casos só se evitariam mandando calçar as ruas. Se a alguns dos nossos leitores parecer ridicula esta narração, dir-lhe-hemos que em Sevilha existia o mesmo privilegio, e que as devotas do Santo Abbade deitavam aos porcos os melhores sobejos das suas mezas, que muitas vezes negavam aos mendigos necessitados. Os grunhidores quadrupedes passeavam pelas cidades tão nedeos e bem tratados como os touros sagrados que se encontram nas ruas de Calcuttá; porem a este respeito teem os indios mais gosto do que os parisienses e sevilhanos. Mas voltando ao assumpto das ruas, diremos que estão consideravelmente melhoradas nas cidades europeas e americanas, mas isso não basta para a commodidade dos viandantes. É certo que em Paris, Madrid, e outras capitaes veem-se ellas limpas e bem calçadas, mas com pedras tão ponteaguadas e desiguaes em superficie, que só os pés dos individuos da mais infima condição as poderão tolerar. Alem disso faltam-lhes tambem passeios de lagedo como se encontram presentemente em quasi todas as ruas de Lisboa, por onde os viandantes transitam com segurança, sem se verem expostos a ser levados contra as paredes, ou enlameados desde os bicos dos pés até á cabeça, quando na mesma rua passam duas seges em direcções oppostas. Em algumas partes ha, é verdade, esses passeios, mas tão estreitos e acanhados são elles que apenas deixarão mover-se ao mesmo tempo duas ou tres pessoas: e como a civilidade manda que uns cedam o caminho aos outros, o mais bem educado, ou o mais humilde, soffre com essas regras de cortesia grandissima interrupção no seu transito. Os inglezes jactam-se de ter as ruas das suas principaes cidades melhor calçadas que ninguem. — Não negámos o facto; mas lembrar-lhes-hemos que esses melhoramentos são de data mui recente, e devidos á riqueza por elles accumulada no ultimo meio seculo, e imperiosamente reclamados pela construcção das suas casas. Estas, em todas as grandes povoações teem cosinhas, despensas, e quartos para criados, collocados tres ou quatro varas abaixo do nivel das ruas, e por isso é mister procurar-lhes ventilação, dar-lhes luz, e resguarda-los pelo lado da rua com varandas fortes. — A povoação de Londres, Dublin, Edimburgo e Liverpool, &c. é tão grande, e tão extraordinaria a multidão de coches, carros e carretas que alli transitam, que sem passeios largos de ambos os lados das ruas não se poderia caminhar. O zelo das auctoridades parochiaes, conservando-as sempre em bom estado, merece comtudo os maiores louvores, não obstante ser em parte devido á necessidade. Julgam acaso os nossos leitores que estas commodidades são filhas da generosidade do governo inglez? Quanto se enganam. — A um tributo, maior do que em qualquer outro paiz se imporia, sobre os moradores d'aquellas cidades, devem elles o gozo desses bens. — Uma casa, ainda que pequena seja, paga em Londres, pelo menos, vinte mil réis annuaes para despesas de calçadas: outra de mais grandeza contribue ordinariamente com quarenta mil réis, com pequena differença; e os palacios com cem até duzentos mil rs. Em cada parochia ha uma junta incumbida de lançar estas fintas, ás quaes todos devem satisfazer sem appêlo nem aggravo, porque o não ha para tribunal algum.

O modo por que se calçam as ruas em Londres é na verdade excellente, e tem tanta solidez quanta é possivel have-la nesta qualidade de obra. As pedras que são de marmore durissimo, bem picadas, e com meia vara de fundo, e uma quarta ou menos de largo na superficie, não podem resistir á violencia do trafico desta immensa capital, e por isso se recorreu

a novo systema, já hoje praticado nas ruas principaes.

Ha oito ou dez annos que M. Mac Adam conheceu por experiencia que um terreno duro é melhor que as calçadas, e o tempo mostrou a utilidade dos seus ensaios. A pedra de que neste systema se faz uso é partida em bocados do tamanho de nozes, e espalhada com igualdade pela rua ou estrada, ficando em pouco tempo reduzida a pó com o calcar dos cavallos e segas. Pouco depois deita-se outra porção de pedras meudas; e havendo cautella em que não fique cova alguma que demore a chuva, ter-se-ha sem grande difficuldade chão duro, de um terço ou meia vara de profundidade, e tão solido e compacto como a costra da mais forte argamassa. É certo que é necessario lançar continuamente nova pedra ao chão; porem esse trabalho custa pouco, bastando dois homens para conservarem qualquer rua em constante reparo: — a isto chamam os inglezes *macadamisar*.
(*Concluir-se-ha.*)

NOVA EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL.

A SOCIEDADE Promotora da Industria Nacional comprehendeu que a missão das instituições desta natureza era activar o progresso dos conhecimentos humanos; e que um dos meios mais efficazes que para isso podia empregar era o estímulo que resulta da concorrência. Ligada pelos seus estatutos a tratar especialmente dos melhoramentos da agricultura e das artes lembrou-se de resuscitar a *exposição da industria portugueza*, que fôra ensaiada pelo Marquez de Pombal durante o seu ministerio na feira que estabeleceu junto ao seu palacio na villa d'Oeiras, muito antes que o ministro do directorio francez, Neufchatéau, chamasse alguns homens entendidos e com elles se aconselhasse para instaurar, como o conseguiu, a primeira exposição da industria franceza. Assim é que achámos entre nós exemplos e tentativas mais ou menos perfectas, em toda a especie de obras, trabalhos, e disposições tendentes ao bem commum da nação; mas taes exemplos são quasi sempre desprezados ou esquecidos. Louvores portanto á *Sociedade Promotora*, que, desempenhando o fim da sua criação, aproveitou o fecundo pensamento de uma exposição industrial, abrindo o theatro onde os artistas e os fabricantes podem manifestar a um grande numero d'espectadores o fructo de suas vigílias e applicação de seus talentos; onde os mesmos tirarão proveito do exame imparcial da opinião publica, e se vulgarisarão o conhecimento de muitos inventos e obras uteis e curiosas, que se não procuram porque se ignora se ha quem as faça no paiz. Lucrarão não só esses com a publicidade de seus artefactos ou productos de sua respectiva industria, como tambem o geral dos cidadãos com as noticias que adquirem; alem do incentivo que resulta desta solemnidade nacional [porque assim lhe podemos chamar], suscitando-se em muitos homens engenhosos o desejo de imitar, igualar, ou aperfeiçoar o que viram, ou a nobre ambição de colherem por suas obras nas seguintes exposições applausos, não mendigados como favores da opulencia, mas concedidos pelo espirito d'exame e pela imparcialidade.

Muito desejamos que o numero dos concorrentes a depositarem os specimens de suas obras seja grande: só delles está dependente a riqueza da exposição; compete-lhes mostrar que não tratam com indifferença um acto de que resulta gloria não só para elles individualmente, mas tambem para a nação.

A exposição ha-de fazer-se no proximo futuro mez

de Julho, no edificio que foi convento dos Paulistas, onde a Sociedade Promotora da Industria Nacional tem o seu estabelecimento. A tempo se expediram os avisos para que nas provincias circule noticia da exposição e possam estar advertidos os que desejarem concorrer. A ordem, pontualidade, e cuidado que se observaram na primeira, que a Sociedade abriu, affiançam a regularidade desta segunda.

CAUSAS E SENTENÇAS CONTRA ANIMAES.

TEMPOS houve em que os tribunaes da Europa fulminavam sentenças contra animaes accusados de certos delictos, e em que as auctoridades ecclesiasticas lançavam os raios da excomunhão contra insectos damnosos. Tão monstruoso pareceu ás novas gerações um semelhante abuso da justiça divina e humana que lhe não quizeram dar credito; documentos autenticos, porem, comprovam o facto, e não deixam duvidar delle. Manuscriptos de varias bibliothecas publicas, ou de particulares curiosos relatam por miudo muitas destas causas. Chascané, celebre jurisconsulto do seculo 16.^o, compoz varias consultas a este respeito, e depois de ter examinado qual o meio de citar certos animaes perante a justiça, investiga quem legalmente os póde defender, e em que juizo se ha-de intentar a acção.

No seguinte extracto apontamos os auctores que attestam certos casos, a epocha das sentenças proferidas, o motivo por que foram citados em juizo alguns animaes, assim como a era em que contra elles se lançaram varias excomunhões.

Anno 1120. Toupeiras e lagartas excomungadas pelo bispo de Laon (*Saint-Foix*).

1386. Porca mutilada, e depois enforcada, em virtude de sentença do juiz de Falaise, por ter despedaçado um menino. (*Estatistica de Falaise*).

1394. Porco enforcado por ter morto uma creança na parochia de Romaigne, viscondado de Mortaing (*Sentença manuscripta*).

1474. Gallo condemnado a ser queimado vivo, em virtude de sentença proferida pelo magistrado de Bâle, por ter posto um ovo (*Idem*).

1488. Os vigarios de Autun ordenam aos curas das freguezias circumvisinhas notifiquem aos gorgulhos que deixem de fazer os estragos costumados durante os officios e procissões, pena de excomunhão. (*Chascané*).

1499. Touro condemnado á forca em virtude de sentença do bailio da abbadia de Beaupré, por ter morto um mancebo. (*D. D. Durand e Martenne*).

Em principios do seculo 16.^o: sentença proferida contra os gorgulhos e gafanhotos, que devastavam o territorio de Milière. (*Theoph. Rainaud*).

1554. Sanguesugas excomungadas pelo bispo de Lausana, porque destruíam os peixes (*Aldrovando*).

D. FR. Aleixo de Menezes, arcebispo de Gôa e depois de Braga, e filho do ayo d'elrei D. Sebastião, foi varão d'insigne caridade. Um dia, sahindo do conselho, acompanhado de pertendentes, que tinham com elle negocios, viu que o seu porteiro, tendo dado entrada a todos, deixava de fóra um pobre homem. Foi tão grande o sentimento que teve o arcebispo que não podendo dissimula-lo, levantou a voz na presença de todos, e disse para o porteiro: — Deixai entrar esse homem; porque o vistes mal vestido lhe fechastes a porta? . . . Eu o mandarei vestir para que lh'a não fecheis outro dia. — E ouvindo o expulso primeiro que os outros circumstantes o despachou e mandou vestir.